

# GAZETA DO POVO – Vida e Cidadania



Da esquerda para a direita: o designer Ivens Fontoura e os arquitetos Key Imaguire Júnior e Cláudio Forte Maiolino, integrantes da "Ordem da Estrela" PATRIMÔNIO

## A história da casa que tem estrela

Moradia inspirada no esperanto e na teosofia sobrevive a descaso com arquitetura de madeira e ganha novo endereço no câmpus da PUCPR

Publicado em 21/01/2013 | JOSÉ CARLOS FERNANDES atualizado em 24/01/2013 às 14:30

Uma carona, de Kombi, pode ter mudado o destino do mais importante exemplar da arquitetura de madeira no Paraná, a Casa da Estrela. Foi no início dos anos 2000. A arquiteta Milna Leone, do setor de Patrimônio, do Ippuc, saía para uma visita técnica a uma residência na Rua Zamenhof, 56, no Alto da Glória, quando viu passar a pesquisadora Vera Lúcia Didonet Thomaz. Chamou-a para vir junto, dando início ali, sem querer, ao salvamento de um bem histórico fadado a virar poeira.

Nem Milna nem Didonet, como é chamada, saíram impunes à "descoberta". A Casa da Estrela era muito mais do que podiam imaginar. A notícia logo se espalhou pela cidade: Curitiba tinha a única construção do mundo, de que se tem notícia, inspirada na estrela de cinco pontas, símbolo do esperanto, a língua universal. Tratava-se de uma "residência conceito", erguida na década de 1930 de forma quase solitária por seu proprietário, Augusto Gonçalves de Castro. Cada um dos 178 metros quadrados do prédio foi desenhado para traduzir ilações filosóficas.

### Arquitetura histórica

#### O comerciante que falava esperanto

A nova fase na Casa da Estrela – agora instalada no câmpus da PUCPR e breve aberta ao público – permite pelo menos dois palpites. O primeiro é que o local deve receber a visita de pesquisadores dos quatro costados. O que já vem acontecendo. Para profissionais do ramo, é impossível não se impressionar com a ausência de ângulos retos na construção – à exceção de portas e janelas. Vigora o pentagonal, cujos ângulos são tidos como demoníacos. "Se Augusto Gonçalves de Castro fosse arquiteto não teria construído isso", brinca Key Imaguire Júnior, 66.

O segundo palpite é que a figura do construtor Augusto Gonçalves de Castro há de atizar a imaginação dos visitantes e a pena de historiadores. Augusto era perito contador da empresa Machine Cotton – a das Linhas Corrente – e foi dono da Casa da Manteiga, comércio tradicional da Rua Riachuelo na primeira metade do século 20.

Seu feito mais extraordinário foi ter erguido a Casa Estrela praticamente sozinho, depois do expediente, munido de um serrote, de um lampião de carbureto e outros apetrechos que ele mesmo inventava. Partiu de uma maquete em papel. Não há indícios de que tenha construído algo antes ou depois, o que aumenta aura da obra.

A "Estrela" é uma tradução de suas crenças, azeitadas no esperanto e na teosofia, espécie de salada com o que há de mais saboroso em cada crença. Todos os espaços da casa são áreas de circulação, uma metáfora do que poderia ser o mundo. Os filhos, a mulher, ele e os visitantes podiam se ver, conversar e interagir em qualquer um dos cômodos. Castro ergueu um memorial. "Havia uma pirâmide no telhado", lembra Didonet. "E os pilares formam um teorema de Pitágoras. Ele ergueu um teorema em cima do outro", acrescenta.

Augusto Gonçalves de Castro era “filho natural” da austríaca Maria Tureck e teria sofrido na infância e na juventude humilhações contínuas de seu padrasto e de outrem. Já criado, estudou numa escola espírita. Pode ter sido ali que tomou contato com intelectuais que o despertaram para a matemática – na qual se tornou um ás – e para a doutrina do esperanto, aqui capitaneada pelos discípulos de Allan Kardec. “Meu ponto de vista é que ele procurou na ideia de fraternidade um curativo para os sofrimentos da mocidade”, arrisca o neto Maurício Fernandes de Castro.

## Curiosidade

O terreno virou um estacionamento para alunos de uma escola de inglês, por ora a “língua universal”.

## CRONOLOGIA

**1891** Nasce em Curitiba Augusto Gonçalves de Castro, filho natural da austríaca Maria Tureck. É batizado na Catedral.

**1915** Augusto conclui o curso primário na Escola Noturna da Federação Espírita do Paraná. Tinha 24 anos.

**1924-1925** Conhece sua mulher, Dionísia Azulay, em Porto Alegre. É admitido como funcionário da Machine Cotton. Funda em Curitiba grupo de estudos do esperanto.

**1930-1933** Inicia a construção da Casa da Estrela, no Alto da Glória. Antes de concluí-la, muda-se para lá com a mulher e os filhos Idalina e Moysés.

**1942** O historiador Júlio Estrela Moreira concede alvará de habitação.

**1952** Casa da Estrela serve de sede para Congresso Brasileiro de Esperanto. Rua Manoel Félix vira Rua Zamenhof.

**1971-1990** Morre Augusto Gonçalves de Castro. Dionísia e os filhos se sucedem na casa. Com a morte da matriarca nos anos 1980, endereço tende a ficar vazio. Moysés se torna cuidador do local.

**2000-2006** Ippuc, pesquisadores e Moysés procuram alternativa para salvar Casa da Estrela.

**2007-2013** Casa da Estrela é desmanchada peça a peça e guardada no horto da PUCPR, no Prado Velho, sob os cuidados do arquiteto Cláudio Maiolino. Moysés morre em 2008. Casa é remontada ao longo de quatro anos, com incentivo da Siemens, Kraft Foods, ALL e Banco do Brasil. Custo da obra é de aproximados R\$ 240 mil.

**FONTE: Ivens Fontoura, Maurício de Castro, Redação GP.**

No ano de 2002, a morte precoce de Milna interrompe o que pareciam favas contadas –, a transposição da casa para um terreno seguro, longe da especulação imobiliária do Alto da Glória. Foi quando Didonet assumiu o leme, em parceria com o arquiteto Key Imaguire Júnior, então professor de História da Arquitetura da UFPR. “Ao saber do local, bati palma no portão, me apresentei e entrei. Nunca vou esquecer o que vi. Era a definição de Le Corbusier em estado puro – ‘um jogo magnífico dos volumes e das texturas sobre a luz’”, lembra.

A nova dupla, Didonet e Key, fez medições, recolheu depoimentos dos proprietários, levou alunos, chamou a imprensa. Nada impediu que a crônica da morte anunciada da Casa da Estrela se desenhasse a cada ano. Fracassou a tentativa de levá-la para o Centro Politécnico da UFPR. Não se cumpriu a promessa de transferi-la para Vila da Madeira, no Atuba. Antes de soar o gongo, vingou a proposta da PUCPR de recebê-la como doação, acomodando a “Estrela” no câmpus do Prado Velho.

Foram ao todo 13 anos de agonia. Nesse espaço de tempo, o músico Moysés Azulay de Castro (1928-2008), um dos três herdeiros e o mais sagaz defensor do imóvel, morreu, sem a conforto de saber que a Casa da Estrela iria se manter em pé. Será um dos homenageados da inauguração prevista para abril deste ano. A casa – transposta para PUCPR, tábuas a tábuas, ao longo de quatro anos, sob supervisão do arquiteto Cláudio Forte Maiolino – servirá de “Salão de Atos” da universidade. A ideia de um dos curadores do espaço, o designer Ivens Fontoura, é explorar ali temas com os quais a “Estrela” se relaciona, da arquitetura ao design, passando pela filosofia, história e religião.

## Acerto

A Casa da Estrela era assim chamada pelos esperantistas, vizinhos e instrumentistas ligados a Moysés Azulay de Castro – professor de violino na Escola de Música e Belas Artes – e de sua filha Estela, violoncelista. “A casa respirava música”, costumava repetir o herdeiro. No início da década de 1990, contudo, o local deixou de ser habitado.

Moysés seguiu a partir daí uma rotina espartana de cuidados. Abria diariamente cada uma das 19 janelas para arejamento e cultivava os jardins de pinheiros. Tinha sentimentos dúbios. Queria a integridade da construção, mas temia que algum processo de tombamento inviabilizasse a venda do terreno, espólio que dividia com os irmãos Idalina e Carlos Augusto. “Fui um inimigo da Casa da Estrela. Queria que se resolvesse

logo. Me preocupava ver meu pai indo até lá todos os dias, procurando uma salvação para o local”, conta o engenheiro mecânico Maurício Fernandes de Castro, 49 anos.

Foi na busca de uma saída que Moysés travou contato com aqueles que se tornaram os defensores de sua causa – Milna Leone, Didonet Thomaz, Key Imaguire, Cláudio Maiolino, Ivens Fontoura e o próprio filho Maurício, que passou a reunir documentos dispersos sobre a “Estrela”. Ao abrir a porta a quem nela batia, mostrar os aposentos e contar como fora construída, formou um pequeno exército, que bem poderia se chamar “Ordem da Estrela”. Deu certo.

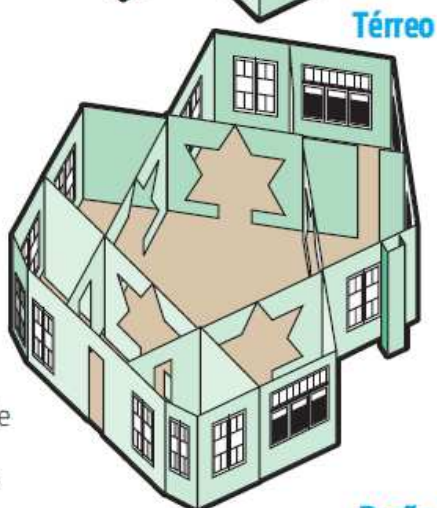
## TRÊS PISOS, UM MISTÉRIO

A Casa da Estrela foi erguida com a ajuda de um serrote e de sofisticados cálculos matemáticos. Não há similares no mundo.

- Com exceção das janelas, a **construção não apresenta nenhum ângulo reto**. Todas as bases são pentagonais, em referência à estrela de cinco pontas.



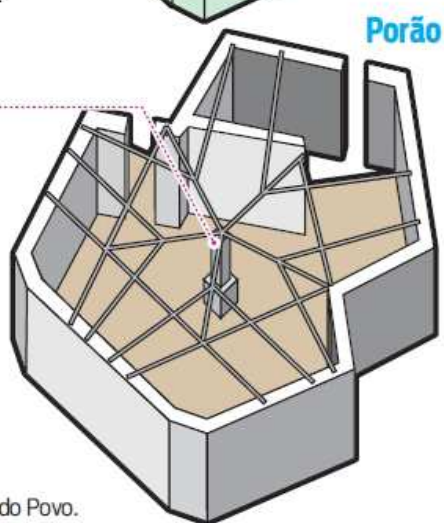
- A **edificação é totalmente artesanal**. O construtor Augusto Gonçalves de Castro começou pelas janelas. Produzia seus próprios instrumentos. A precisão é prova de seus conhecimentos matemáticos. “As águas são das mais complexas”, chama atenção o arquiteto Cláudio Maiolino.



- A **madeira utilizada foi o pinheiro**, tendo como base tábuas de seis metros de comprimento. Augusto teria dado um Ford 1929 em troca das tábuas.

- **Uma coluna de concreto**, no porão da residência, sustenta todo o engenhoso conjunto de vigas em forma de estrela.

- **Impossível precisar o estilo** da Casa da Estrela. A moradia não segue nenhum parâmetro da arquitetura de madeira de Curitiba.



Fonte: Redação.

Infografia: Lúcio Barbeiro/Gazeta do Povo.